

SEXUALIDADE FEMININA E MOVIMENTAÇÃO CORPORAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

FEMALE SEXUALITY AND BODY MOVEMENT: AN EXPERIENCE REPORT

SEXUALIDAD FEMENINA Y MOVIMIENTO CORPORAL: UN INFORME DE EXPERIENCIA

Patrícia Figueiredo Marques¹
Claudia Feio da Maia Lima²
Adrielle de Brito Paixão Oliveira³
Elysama Souza Rocha⁴
Thaís da Silva do Livramento⁵
Roberta Rabelo Gravina⁶

Como citar este artigo: Marques PF, Lima CFM, Oliveira ABP, Rocha ES, Livramento TS, Gravina RR. Sexualidade feminina e movimentação corporal: um relato de experiência. Rev baiana enferm. 2022;36:e38638.

Objetivo: relatar o desenvolvimento de ações educativas, na perspectiva feminista, que articularam sexualidade e movimentação corporal junto a mulheres da comunidade do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, contribuindo para o seu autoempoderamento. **Método:** estudo descritivo, com abordagem qualitativa, tipo relato de experiência, sobre pesquisa-ação, com metodologia educativa ativa e feminista. Participaram oito mulheres nas sete oficinas realizadas em Santo Antônio de Jesus, Bahia, de setembro a novembro de 2019. Utilizou-se, para as atividades de corpo e coleta de dados, técnicas educativas, referenciadas no arcabouço teórico e metodológico da pedagogia feminista e em metodologias ativas. **Resultados:** houve diferentes reflexões sobre identidade e as várias formas de ser mulher na sociedade atual. **Conclusão:** as ações educativas realizadas fortaleceram a troca de conhecimentos, o vínculo e a confiança do grupo, além da vivência coletiva do ser feminino.

Descritores: Sexualidade. Mulheres. Corpo Humano. Empoderamento. Dança. Saúde.

Objective: to report the development of educational actions, from a feminist perspective, that articulated sexuality and body movement with women in the community of the Centro de Ciências da Saúde of the Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, contributing to their self-empowerment. Method: descriptive study, with qualitative approach, type experience report, about action research, with active and feminist educational methodology. The participants were 8 women in the seven workshops held in Santo Antônio de Jesus, Bahia, from September to November 2019. For body activities and data collection, educational techniques were used, referenced in the theoretical and methodological framework of feminist pedagogy and in active methodologies. Results: there were different reflections on identity and the various ways of being a woman in today's society. Conclusion: the educational actions performed

¹ Enfermeira e Pedagoga. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil. pfmenf@gmail.com. pfmenf@yahoo.com. <https://orcid.org/0000-0002-0242-5024>.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4718-8683>.

³ Estudante de Medicina. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4964-7353>.

⁴ Estudante de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8085-5794>.

⁵ Estudante de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0655-3904>.

⁶ Graduada em Comunicação Social e Publicidade. Formada em Dança. Pesquisadora Independente. Salvador, Bahia, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4155-6270>.

strengthened the exchange of knowledge, the bond and trust of the group, in addition to the collective experience of the feminine being.

Descriptors: Sexuality. Women. Human Body. Empowerment. Dancing. Health.

Objetivo: informar sobre el desarrollo de acciones educativas, desde una perspectiva feminista, que articulen la sexualidad y el movimiento corporal con las mujeres de la comunidad del Centro de Ciências da Saúde de la Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, contribuyendo a su autoempoderamiento. Método: estudio descriptivo, con enfoque cualitativo, tipo informe de experiencia, sobre investigación-acción, con metodología educativa activa y feminista. Ocho mujeres participaron en los siete talleres realizados en Santo Antônio de Jesus, Bahia, de septiembre a noviembre de 2019. Para las actividades corporales y la recolección de datos se utilizaron técnicas educativas, referenciadas en el marco teórico y metodológico de la pedagogía feminista y en metodologías activas. Resultados: hubo diferentes reflexiones sobre la identidad y las diversas formas de ser mujer en la sociedad actual. Conclusión: las acciones educativas realizadas fortalecieron el intercambio de conocimientos, el vínculo y la confianza del grupo, además de la experiencia colectiva del ser femenino.

Descritores: Sexualidad. Mujeres. Cuerpo Humano. Empoderamiento. Baile. Salud.

Introdução

Ao longo da história, a mulher assumiu, por muito tempo, a posição da subalternidade, sem direito ao lugar de fala, tomada de decisões, presença política e até sem autoridade no âmbito familiar. A história da mulher é marcada pela opressão patriarcal e desigualdade de gênero que a desmembrou da sociedade para depois colocá-la em lugar de interesse, unicamente para a procriação⁽¹⁾.

Salienta-se que o gênero “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”^(2,86). À medida que os homens entendiam a mulher como um possível perigo para a sua autoridade e para seu exercício de privilégios, buscavam ainda mais distanciá-la de funções de poder fora do espaço familiar, como o direito ao voto ou à alfabetização. Essa relação de gênero principia um processo de mudança com as lutas feministas e, desse modo, a identidade feminina começa a ser socialmente (re)construída, proporcionando visibilidade e fortalecimento do papel feminino nos âmbitos social, político e econômico⁽³⁾.

Contudo, apesar das grandes conquistas de direitos que buscaram a equidade entre mulheres e homens, ainda permanece inevitável a abordagem de questões, como autoestima e empoderamento feminino, aspectos influenciadores nas

relações de poder presentes nos diversos contextos culturais⁽⁴⁾. Assim, a expressão feminista defendida pela sentença “o pessoal é político”, surgida na década de 1960, foi construída em encontros de grupos de mulheres ativistas norte-americanas. Elas buscavam trocar vivências e debater questões, como as relações sociais de poder em que viviam, e foi um exemplo de ação coletiva desenvolvida por mulheres, na busca de mudanças não só sociopolíticas, mas pessoais, que as fortalecessem intimamente⁽⁵⁾.

Então, reconhecendo a importância da sororidade e do processo de empoderamento feminino no curso da história e em tempos atuais, o projeto de oficinas, que trata de encontros com estudantes femininas dos cursos de saúde do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CCS/UFRB), para o desenvolvimento de práticas corporais, incluindo a sexualidade articulada com a dança, foi embasado no arcabouço teórico e metodológico feminista de ações voltadas à educação em saúde. Utilizou-se a dança, como manifestação da sexualidade feminina e do autoconhecimento corporal, por possibilitar reflexões sobre autoestima, autonomia, imagem corporal e exercício da sexualidade com liberdade. Esses são aspectos considerados relevantes no processo de emancipação, tendo por base o conceito de sexualidade alicerçado nos direitos humanos, que incluem o

direito ao controle e à livre decisão sobre questões relacionadas à sexualidade, incluindo saúde sexual e reprodutiva sem coação, discriminação ou violência de qualquer natureza. Igualdade de relacionamento entre homens e mulheres, com o pleno respeito pela integridade da pessoa, respeito mútuo, consentimento e divisão de responsabilidades sobre comportamentos da sexualidade foram aspectos igualmente importantes⁽⁶⁾.

Diante do exposto e considerando a importância de se abordar a sexualidade feminina por diferentes perspectivas, contribuindo para o seu autoempoderamento e a continuidade do movimento em prol de mulheres na sociedade, o objetivo desta produção foi relatar o desenvolvimento de ações educativas, na perspectiva feminista, que articularam sexualidade e movimentação corporal, junto a mulheres da comunidade do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CCS/UFRB), contribuindo para o seu autoempoderamento.

Método

Trata-se de estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, sobre uma pesquisa ação para a elaboração de proposta, com metodologia educativa ativa e feminista, que subsidie o autoempoderamento feminino. As organizadoras das atividades apresentadas foram duas docentes enfermeiras e três discentes da área de saúde (medicina, psicologia e nutrição).

O projeto de oficinas foi executado entre setembro e novembro de 2019. Oito mulheres estiveram presentes em cada encontro, totalizando oito oficinas, com duração de 2h cada. Foram realizadas no CCS/UFRB, situado no município de Santo Antônio de Jesus (BA), localizado na Região do Recôncavo Sul.

Foram critérios de inclusão: participantes declaradas mulheres, vinculadas à comunidade interna do CCS/UFRB (docentes, discentes, técnicas administrativas e terceirizadas), com idade igual ou superior a 18 anos. Os critérios de exclusão abrangeram: alterações de ordem cognitiva, mental ou de mobilidade.

As estratégias utilizadas para as atividades corporais e a coleta de dados foram técnicas educativas referenciadas no arcabouço teórico e metodológico da pedagogia feminista, articuladas com princípios das metodologias ativas. As ações foram desenvolvidas pelos grupos de conscientização⁽⁵⁾, reflexão e ação, que utilizam oficinas de sensibilização como uma das ações cujo papel, no desmonte das relações desiguais de gênero, foi e continua sendo fundamental.

Nesse processo, estabeleceu-se uma relação diferenciada com as participantes, na qual se observou uma trajetória de construção do saber e promoção da aprendizagem. Ademais, sensibilizou e formou atrizes sociais responsáveis, conscientes eticamente e capazes de julgar criticamente suas atitudes e responsabilidades perante grupos vulneráveis, família e sociedade⁽⁷⁻⁸⁾.

Os temas abordados incluíram: significado de corpo, percepção da diversidade de posturas diante da sexualidade feminina, influência da história de vida nos diversos comportamentos de sexualidade, associação da movimentação corporal pela dança do ventre (sexualidade e corpo), movimentação corporal como autoconhecimento e elaboração do conceito de sexualidade.

Os aspectos éticos foram respeitados, mediante a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRB, aprovado pelo Parecer nº 3.640.322, e cumprimento de todas as exigências estabelecidas na Resolução nº 466/2012⁽⁹⁾. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a pesquisa realizada, por meio de oficinas, alguns acordos foram definidos: a restrição no uso do celular, o sigilo de todos os acontecimentos no processo de vivência e o não julgamento.

Na apresentação das falas, as participantes foram identificadas, neste texto, com nomes de flores.

Resultados e Discussão

Durante as oficinas, buscou-se contribuir com o processo de autoempoderamento das participantes, compreendendo-o não como um recurso individual, mas como uma forma de potencializar seus conhecimentos sobre os temas abordados.

As discussões, as rodas de conversa, as dinâmicas e a dança funcionaram como importantes metodologias de trabalho, pois contribuíram para a autopercepção, autonomia, emancipação e capacitação, por meio da movimentação corporal e contemplação da sexualidade, que possibilitaram a reflexão participativa no exercício de sua sexualidade e promoção da saúde. Por isso, as oficinas caracterizaram-se como um momento de construção coletiva e trocas de experiências vividas. Aos poucos, a interação entre participantes e responsáveis pelas atividades foi gerando maior autoconfiança e crescimento no expressar-se verbalmente.

O grupo era composto por oito mulheres, com idades entre 18 e 30 anos, todas heterossexuais declaradas, de cor preta (50%), parda (37,5%) e branca (12,5%). Destaca-se que, no primeiro encontro, respeitando os princípios feministas, apresentou-se a proposta, ouviu-se as demandas do grupo, traçou-se o diagnóstico social e iniciou-se um movimento de vínculo entre as participantes. As oficinas começavam com exercícios de alongamento, sensibilização e conscientização corporal.

Numa reflexão sobre identidade e as várias formas de ser mulher na sociedade atual, a primeira oficina discutiu sobre as múltiplas identidades. Na dinâmica utilizada, as participantes formaram um pequeno círculo e, à medida que uma das facilitadoras pronunciava uma expressão de identidade – adulta/adolescente/branca/negra/mulher e outras –, elas davam um passo à frente, se houvesse a identificação com a palavra, ou um passo atrás, se não. Essa dinâmica possibilitou uma breve reflexão sobre identidade e as várias formas de ser mulher na sociedade atual, de acordo com os marcadores sociais da diferença.

É inegável que o grau de exigência em relação à mulher torna-se cada vez maior no conjunto de discursos androcristas da sociedade. Isto é, se, antes, a mulher perfeita era a que cuidava bem da casa e da família, hoje ela precisa ser referência de profissional, sem descuidar das questões anteriores, além de ter um corpo de modelo⁽¹⁰⁾.

O corpo feminino é vinculado, de forma objetificada pelas mídias de publicidade, com valores distorcidos que enfatizam modelos estéticos moldados em padrões europeus, como únicas formas aceitas e valorizadas socialmente⁽¹⁾. Assim, pelo fato de o corpo feminino refletir os hábitos, as maneiras e a construção psicossocial, a segunda oficina trabalhou o significado de corpo para cada participante. Realizou-se uma dinâmica, utilizando massa de modelar, para responder aos seguintes questionamentos: “Qual o significado de corpo para você?” e “Qual desafio eu estabeleço para me sentir ainda melhor com o meu corpo?”. Ao final, as participantes demonstraram suas expressões sob a forma de arte e explicaram-nas, conforme as seguintes falas:

Fiz esse corpo com diversas cores, pois cada cor representa algo diferente. Os pontos amarelos são de energia e a parte rosa representa minha feminilidade. E para me sentir ainda melhor com meu corpo, é me amar mais. (Amarílis).

A singularidade marca meu corpo, mas destaquei meus peitos grandes e ombros largos, porque tenho problemas com eles. Assim, para me sentir ainda melhor com meu corpo, eu preciso me amar e cuidar mais de mim. (Bromélia).

Meus ombros, braços e peito me incomodam muito. Então, para me sentir melhor, me desafio a não usar sutiã. (Camélia).

Não fiz os braços e as pernas, pois não me sinto bem com eles, e meu cabelo me representa muito. Meu desafio pessoal é aceitar as partes do meu corpo que não gosto. (Crisântemo).

Essa dinâmica tornou possível a reflexão sobre o corpo feminino e ainda sobre o quanto os padrões capitalistas interferem na sua aceitação, supervalorizando padrões definidos de beleza. Por isso, muitas mulheres acabam vulneráveis ao mercado estético, na tentativa de alcançar uma aparência perfeita e padronizada. Depois do diálogo com o grupo, as participantes entenderam o quanto o corpo feminino é marcado e dominado pela construção político-social. Viram também como é importante a desvinculação desses modelos e padrões pré-estabelecidos, entendendo a importância da descoberta e experimentação de si, para promover apropriação, emancipação e autoempoderamento.

A sexualidade feminina, durante séculos, foi entendida como algo inexistente, pois a mulher

era vista apenas como um ser reprodutor. Atualmente, essa temática está conquistando espaço na sociedade e vem apresentando-se como algo que deve ser exposto e dialogado. Todavia, nota-se que esses assuntos ainda são cercados de muitos tabus, que tornam o diálogo um obstáculo crescente⁽¹¹⁾.

Esse fenômeno, conseqüentemente, restringe as mulheres com relação à exploração e valorização de seus desejos⁽¹²⁾. Logo, para promover uma reflexão acerca da sexualidade e seus contextos sociais, promoveu-se, na terceira oficina, uma conversação acerca de como a história de vida de cada participante interferiu no comportamento sexual. Para tanto, utilizou-se a “dinâmica da garrafa”. Nesse momento, todas sentaram-se no chão, ao redor de uma garrafa plástica que estava no centro e seria girada pela professora condutora da atividade, para apontar quem responderia à pergunta. Os assuntos abordados foram: transformações percebidas no corpo na adolescência; menarca, coitarca e com quem; curiosidades, dúvidas e medos referentes à sexualidade. Com isso, foram adquiridas informações para ampliação da educação sexual de cada participante.

As temáticas discutidas desencadearam, de início, muito acanhamento por parte das participantes, reflexo de uma sexualidade feminina ainda rodeada de preconceitos, mesmo que em destaque na sociedade atual, inibindo a sororidade e dificultando a exploração, a valorização e o atendimento de desejos femininos.

Dentre as participantes, seis relataram dificuldade de acesso à educação sexual, atrelada à criação familiar e à religião. Em geral, recorriam às amigas como aconselhadoras, quase nunca aos familiares. Ademais, nenhuma delas manifestou ter procurado o profissional de saúde, por inibição e falta de abertura para falarem de sexualidade feminina.

Em virtude disso, é fundamental refletir, impulsionar e reforçar novas medidas na atuação dos profissionais de saúde, tendo em vista que poucos cursos de graduação apresentam, em seus currículos, temas transversais relacionados a gênero, sexualidade e diversidade sexual. Então, é necessário repensar as potencialidades

da educação em saúde, para ampliar discussões de sexualidade nas diferentes áreas, agregando novas metodologias e referenciais para uma formação articulada e baseada em atitudes emancipatórias, humanizadas e integrais⁽¹³⁾.

No processo de empoderamento, a associação com a movimentação corporal pela dança, sobremaneira a do *Ventre (Belle Dance)*, possibilita pensar sobre a própria sexualidade e a influência nas construções sociais. Ademais, a Dança do Ventre traz efeitos benéficos à saúde feminina a médio e longo prazos⁽¹⁴⁻¹⁵⁾.

Esta modalidade de dança é utilizada para contribuir com o desenvolvimento de práticas reflexivas ligadas à consciência, sensibilização e emancipação, porque o corpo não é uno, fixo nem estável, mas múltiplo e aberto à transformação e às novas conexões com o mundo⁽¹⁶⁾. Durante o quarto, quinto e sexto encontros, a temática da *Belle Dance* foi explorada. Falou-se da história, seus movimentos corporais e maneiras de desenvolvê-la; também a importância do olhar, do cabelo, das mãos e dos quadris. Vídeos ilustrativos e com explicações foram exibidos. Em seguida, os acessórios utilizados na Dança do Ventre foram disponibilizados para uso das participantes na realização dos movimentos.

No início, elas mostraram timidez para o desenvolvimento de alguns movimentos e o uso dos acessórios. No final de cada encontro, porém, já se mostravam mais desinibidas, autoconfiantes e abertas a diálogos relacionados com o corpo e a sexualidade feminina. A Dança do Ventre fortaleceu a troca de conhecimentos, o vínculo e a confiança do grupo, permitindo a vivência do ser feminino de forma coletiva. Essas oficinas tornaram-se um espaço para a valorização de si e, portanto, de autoempoderamento, por meio do corpo e de reflexões contínuas sobre o ser mulher e o engajamento na luta contra as opressões sociais.

A prática da Dança do Ventre desenvolve uma sensação de relaxamento, bem-estar e transformação das emoções, possibilitando à mulher mais feminilidade, beleza, suavidade e autoconfiança⁽¹⁷⁾. Nas oficinas, as mulheres começaram a experienciar o feminino coletivo,

compartilhando problemas e intimidades, trocando conhecimentos e reconhecendo a força do grupo e sua sororidade.

Pensar em Dança do Ventre é remeter-se à sensualidade e erotização do corpo feminino, para corresponder aos desejos e satisfações do masculino, sobretudo no ocidente, relatados nas histórias majoritariamente escritas por homens. Surge daí um estereótipo de compreensão tendenciosa⁽¹⁾. Assim sendo, ao longo do projeto, num movimento contrário e de resgate, a Dança do Ventre foi trabalhada como um mecanismo de descoberta da individualidade, flexibilidade e bem-estar da mulher com o seu próprio corpo e não apenas para o prazer masculino.

A sétima oficina contou com a participação de uma profissional da dança, que conduziu a atividade, articulando experiências pessoais das participantes a um objeto de valor emocional e à movimentação corporal. A facilitadora solicitou a formação de um círculo, para que recordassem o objeto que levaram, sem revelá-lo. Que significado ele possuía? Por que ele foi levado? A escolha dos objetos surpreendeu, pois muitas delas levaram pertences que retratavam seu processo de autoempoderamento e o exercício de sexualidade pessoal.

Depois, as participantes foram distribuídas em duplas e utilizaram movimentos para descrever o objeto escolhido, formando, assim, sua própria coreografia. Apesar da timidez inicial de algumas, todas expressaram satisfação e conforto com o ambiente criado e seu desempenho. Ao final, compartilharam seus sentimentos diante da experiência vivenciada, com resgate de seu objeto.

A expressão do corpo como linguagem é a primeira forma de comunicação do ser humano, sendo a dança personificada por meio da produção e reprodução dos diversos contextos e culturas de diferentes grupos sociais⁽¹⁸⁾. A dança não é um objeto excludente e pode ser praticada por qualquer indivíduo. Portanto, é uma ferramenta de mediação, que permite a manifestação de vivências maleável e singularmente.

No oitavo e último encontro, as participantes falaram sobre suas experiências com a dinâmica do “Jardim Pessoal”, realizada desde o segundo encontro. Nessa dinâmica, elas escreveram

palavras positivas de “poder”, tais como feliz, resistência, poder, sentimento, resiliência, potência, prazer, forte, amor, desconstrução e aconchego, capazes de representar o seu corpo, e lançaram-nas dentro de uma garrafa. Essa reflexão positiva sobre o corpo objetivou conscientizá-las acerca do poder de cada uma e da importância para o preenchimento de “vazios emocionais”, novas possibilidades de ser e estar no mundo e a (re)construção do ser mulher.

Cada uma arrumou o seu “Jardim Pessoal” particularmente e cultivou as palavras inseridas, sempre orientadas a escreverem, com seus movimentos corporais (mãos, braços, pernas...), no mínimo, três vezes antes de serem “plantadas”.

Foi interessante pensar nas palavras que me empoderavam. Palavras libertam e ajudam a expressar. Consegui me destravar com a movimentação corporal. (Dália).

Gostei da garrafa e dos encontros. Consegui ver coisas que nunca percebi. Poder ver que posso ser o que quiser e que toda mulher pode ser o que quer. Todas temos um mundo dentro de nós. Por isso, desenhei uma galáxia na garrafa. (Lírio).

Realizaram-se reflexões sobre as vivências e experiências proporcionadas pelas oficinas e a abordagem do tema empoderamento, já que a tomada de consciência seria o ponto primordial nesse processo. As participantes também construíram o conceito de sexualidade do grupo, com a dinâmica do texto coletivo. Cada uma completou a frase e repassou à seguinte, com a escrita no papel com tinta não visível. Ao terminar, a facilitadora responsável leu cada resposta e organizou o conceito junto com o grupo: “Sexualidade é autoconhecimento, prazer, movimento de ser livre, sentindo prazer através do autoconhecimento que as empodera e proporciona liberdade”.

Uma das definições de sexualidade é a busca por satisfação plena, em desenvolvimento contínuo, que envolve as questões biológicas, psicológicas e sociais⁽¹⁹⁾. A sexualidade influencia emoções e ações, relacionamentos, a saúde física e mental, enfim, a vida em sociedade. Destarte, é essencial que essa temática seja abordada de forma a proporcionar o conhecimento relacionado a todas as questões envolvidas na sexualidade feminina. Foi perceptível o crescimento das participantes quanto ao poder de fala

e autoconfiança, pela desinibição, participação e segurança ao expressarem suas opiniões.

Importa ressaltar que o empoderamento expressa-se na busca pelo poder social, que se torna evidente quando as pessoas conquistam o controle da própria vida, dos projetos, das escolhas e da capacidade de agir e se socializar⁽²⁰⁾. Dessa forma, ao final dos encontros, foi notável a percepção da conscientização das participantes quanto à luta feminina pelo seu espaço, ainda que numa sociedade patriarcal; a importância da sororidade; o poder de transformação e do autoconhecimento de suas potencialidades, já que o empoderamento é um processo de transformação interna e constante.

A limitação aqui posta está relacionada ao espaço físico, não tão apropriado ao desenvolvimento de atividade, como a desenvolvida e descrita neste artigo. O estudo evidencia o fortalecimento ocorrido ao grupo de participantes sobre a importância de se reconhecer parte de um corpo que expressa diferentes subjetividades e necessita ser valorizado, além de contribuir para a interação e a cooperação entre as participantes, gerando uma valiosa contribuição para o autoempoderamento.

Conclusão

A experiência com o grupo de mulheres evidenciou o quanto o capitalismo e o androcen-trismo ainda atuam sobre o corpo feminino e a expressão de sua sexualidade, aprisionando-os e inibindo-os quanto ao fortalecimento da sororidade e consciência de mobilização feminina. Por conseguinte, é preciso reconhecer as construções de desigualdade de gênero e a necessidade de mulheres romperem com paradigmas pré-estabelecidos, com base na conscientização, união e reflexão do seu poder de luta e importância do domínio sobre seus corpos.

Os encontros representaram um espaço de muitas desconstruções e reflexões, autoconhecimento e valorização do corpo feminino. Na consolidação de vínculo e troca de experiências pela movimentação corporal e dança, em especial a *Belle Dance*, evidenciou-se a importância

da união entre as mulheres na luta contra a opressão feminina e no engajamento por direitos sociais. Tais vivências foram relevantes no processo de fortalecimento da consciência crítica de mobilização feminina, apoiada na troca coletiva e no caminho do autoempoderamento. Desse modo, as ações educativas realizadas fortaleceram a troca de conhecimentos, o vínculo e a confiança do grupo, além da vivência coletiva do ser feminino.

As mulheres têm pouco ou nenhum acesso ao exercício do poder, seja no meio público, na ocupação de cargos, seja no exercício de sua sexualidade livre de coerção. É preciso repensar e robustecer a transformação social que educação e saúde podem produzir, para potencializar mais pesquisas e estudos relacionados à sexualidade feminina baseados em reflexões emancipatórias, na busca da melhoria da qualidade de vida.

Colaborações:

1 – concepção, projeto, análise e interpretação dos dados: Patrícia Figueiredo Marques, Cláudia Feio da Maia Lima, Adriele de Brito Paixão Oliveira, Elysama Souza Rocha, Thaís da Silva do Livramento e Roberta Rabelo Gravina;

2 – redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Patrícia Figueiredo Marques, Cláudia Feio da Maia Lima, Adriele de Brito Paixão Oliveira, Elysama Souza Rocha e Thaís da Silva do Livramento;

3 – aprovação final da versão a ser publicada: Patrícia Figueiredo Marques e Cláudia Feio da Maia Lima.

Referências

1. Beck GG. Mulher, corpo e autoconhecimento: representações da mulher na Dança do Ventre entre acadêmicas da UFSC. *Rev Santa Catarina em História* [Internet]. 2017 [cited 2020 Jun 20];11(1):118-28. Available from: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/715>
2. Scott J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educ Realidade* [Internet]. 2001 [cited 2020 Apr 10];16(2):71-99. Available from:

- <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>
3. Faria JP. A participação feminina na transformação da história patriarcal: dimensões poder e desenvolvimento como liberdade. *Rev Direitos Humanos Democr.* 2017 [cited 2020 May 8];5(10):2-20. DOI: <https://doi.org/10.21527/2317-5389.2017.10.2-20>
 4. Silva SC, Florêncio LRS, Monte TCL. Tambores de Dandara: gênero e empoderamento feminino na capoeira cearense. *Conex Ci Tecnol.* 2019;13(5):91-8. DOI: <https://doi.org/10.21439/conexoes.v13i5.1804>
 5. Sardenberg CMB. O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Inc Soc [Internet].* 2018 [cited 2020 Apr 10];11(2):15-29. Available from: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106/3726>
 6. Organização das Nações Unidas. Declaração e Plataforma de ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher [Internet]. Pequim (CN); 1995 [cited 2021 Feb 4]. Available from: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf
 7. Paiva CCN, Villar ASE, Souza MD, Lemos A. Educação em Saúde segundo os preceitos do Movimento Feminista: estratégias inovadoras para promoção da saúde sexual e reprodutiva. *Esc Anna Nery.* 2015;19(4):685-91. DOI: 10.5935/1414-8145.20150092
 8. Paiva MRF, Parente JRF, Brandão IR, Queiroz AHB. Metodologias ativas de ensino aprendizagem: revisão integrativa. *Sanare [Internet].* 2016 [cited 2020 Jun 18];15(2):145-53. Available from: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049/595>
 9. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução N° 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília (DF); 2012. Available from: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
 10. Barszcz MV, Foltran TT. A metamorfose da identidade da mulher: da nulidade a representatividade social. In: 15ª Jornada Científica dos Campos Gerais. 2017 out 25-27, Ponta Grossa (PR). Anais (on-line). Ponta Grossa: Faculdade Sant'Ana; 2017 [cited 2020 May 12];15:1-4. Available from: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/480>
 11. Oliveira EL, Rezende JM, Gonçalves JP. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. *Rev Ártemis [Internet].* 2018 [cited 2020 May 15];26(1):303-14. Available from: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320/21729>
 12. Novellino MSF. Movimento feminista no Brasil no século XX. *Rev fem [Internet].* 2018 [cited 2020 May 28];6(1):57-66. Available from: <https://portalseer.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30362/17894>
 13. Rodrigues SS. Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetuba-PA [Internet] [dissertação]. Araraquara (SP): Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista; 2017 [cited 2020 Apr 28]. Available from: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/151756>
 14. Marbá RF, Silva GS, Guimarães TB. Dança na promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida. *Rev Cient ITPAC [Internet].* 2016 [cited 2020 May 5];9(1):1-9. Available from: https://assets.unitpac.com.br/arquivos/Revista/77/Artigo_3.pdf
 15. Eğrikavuk I. Seeing the Belly Dance as a Feminist Possibility: Gaze, Gender and Public Space in İstanbul. *Rev Cena [Internet].* 2021 [cited 2020 Jun 25];(33):144-54. Available from: <https://www.seer.ufrgs.br/cena/article/view/110694/61439>
 16. Garcia CAR, Vieira LSM, Santiago MA, Gonçalves HS. Meu corpo me pertence: interfaces entre psicologia, dança e gênero. *Fractal, Rev Psicol.* 2019;31(2):67-75. DOI: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5600>
 17. Chang Y, Bairner A. Beautiful and good woman: gender role negotiation among Taiwanese women who belly dance. *Sport in Soc.* 2019;22(8):1326-45. DOI: <https://doi.org/10.1080/17430437.2019.1621843>
 18. Marra JR, Marani VH, Sborquia SP. A dança do ventre em foco: produções culturais na cidade de Londrina-Paraná. *Rev Pensar a Prática.* 2019;22:54659. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v22.54659>
 19. Camargo SAP, Sampaio Neto LF. Sexualidade e gênero. *Rev Fac Cienc Med Sorocaba.* 2017;19(4):165-6. DOI: <https://doi.org/10.23925/1984-4840.2017v19i4a1>

20. Fernandes TS, Lopes GSC, Watanabe M, Yamaguchi CK, Godoi CK. Dimensões do empoderamento feminino: autonomia ou dependência? Rev Alcance Eletrôn. 2016;23(3):391-413. DOI: [https://doi.org/10.14210/alcance.v23n3\(Jul-Set\).p391-413](https://doi.org/10.14210/alcance.v23n3(Jul-Set).p391-413)

Recebido: 1 de setembro de 2020

Aprovado: 24 de julho de 2021

Publicado: 7 de janeiro de 2022



A *Revista Baiana de Enfermagem* utiliza a Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Este artigo é de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons (CC BY-NC).

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais. Embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.